



CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA-LICENCIATURA  
Modalidade a Distância



**Eixo IX**

**2010/2**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA  
PÓLO DE GRAVATAÍ

**CARINA FABIANA SOARES**

## **A importância do lúdico nas práticas de letramento e alfabetização na Educação Infantil**

PORTO ALEGRE

2010

**CARINA FABIANA SOARES**

**A importância do lúdico nas práticas de  
letramento e alfabetização na Educação  
Infantil**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado  
como requisito parcial para a obtenção do grau  
de Licenciado em Pedagogia, pela Faculdade  
de Educação da Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul – FACED/UFRGS.

**Orientador(a):  
Profº Drº Eliseo Reategui  
Tutora: Daniella Caletii**

**Porto Alegre  
2010**

CARINA FABIANA SOARES

**A importância do lúdico nas práticas de  
letramento e alfabetização na Educação  
Infantil**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia/Licenciatura, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Eliseo Reategui

Tutora: Daniella Caletti

Aprovado em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

A Comissão Examinadora abaixo assinada aprova o Trabalho de Conclusão de Curso, A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NAS PRÁTICAS DE LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL, elaborado por CARINA FABIANA SOARES, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

---

Dr. Eliseo Reategui

---

Dra. Darli Collares

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, além das pessoas que amo, para todas as crianças e professores. Aos que amo, porque não só este trabalho, mas toda a minha vida foi dedicada a eles. Às crianças... das que andam de pés descalços no chão duro do dia-a-dia, às que brincam nos parques mais sofisticados, pois em todas elas encontra-se a doce esperança de um futuro melhor, e porque nelas encontro o sentido para a vida e para o meu trabalho. Aos professores, porque somente quem conhece a dor e a beleza desta profissão sabe o seu real valor para a sociedade.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus mestres, e à minha família de sangue e de coração, em especial à minha mãe, que sempre me ensinou que a melhor herança que se pode deixar aos filhos é o estudo, à minha irmã que fez com que eu me criasse vendo este ensinamento sendo colocado em prática, e ao meu pai, que em todas as vezes que eu me senti incapaz, de alguma forma me mandou energias positivas para que eu entendesse que ele está ao meu lado, sempre.

Aos meus primos, e em especial à Cristiane que me fez conhecer o PEAD e ao Thiago, que sempre mostrou ser o irmão homem que eu não tive. Aos meus amigos, em especial à Cláudia, minha companheira de todas as horas que entendeu a minha ausência nas horas em que precisei.

Aos meus mestres, desde à pré-escola até o Professor Doutor Eliseo, que me acompanha neste final de caminhada do PEAD, pois sem eles eu jamais teria inspiração e forças para desenvolver meu trabalho em sala de aula, já que somos hoje, aquilo que um dia plantaram em nós.

A eles o meu mais sincero obrigada, por fazer parte da minha vida e da minha história e por sempre ouvirem incansavelmente as minhas angústias, alegrias e conquistas. Esta conquista é nossa!

## RESUMO

Encontrar uma forma com que a alfabetização seja efetiva já nos primeiros anos do ensino fundamental vem sendo foco de estudos há muitos anos. Vivemos hoje em sala de aula uma realidade em que algumas crianças que já saíram das classes de alfabetização, ainda não dominam as práticas de leitura e escrita. Com base neste problema, o presente trabalho tem o intuito de investigar como a alfabetização pode ser iniciada já na Educação Infantil. Notemos que uma das maiores dificuldades presentes no processo de alfabetização está na falta de vontade ou de interesse do aluno por compreender o sistema da escrita. Sendo assim, na Educação Infantil, contamos com o fator favorável do uso do lúdico nas aulas, já que este traz consigo uma gama de elementos que fazem com que a criança se identifique com o que está sendo trabalhado, porque traz um universo que é familiar a ela para dentro da sala de aula. Tal prática facilita o engajamento das crianças nas atividades desenvolvidas. Emília Ferreiro e Ana Teberosky, quando pesquisaram sobre o processo de alfabetização e publicaram “A psicogênese da língua escrita”, já nos relatavam a importância de o professor conhecer de perto como ocorre o processo de alfabetização com o aluno. Este conhecimento permite que suas práticas sejam desafiadoras e prazerosas para os aprendizes, afim de facilitar a aprendizagem. Magda Soares (2000) vem ao encontro desta idéia, nos mostrando como é importante o letramento ser encarado como uma prática existente para fazer com que o aluno atribua um sentido ao sistema de escrita que está sendo-lhe ensinado, identificando no seu mundo e ao seu redor os elementos aprendidos dentro da sala de aula. Também é importante relacionar estas aprendizagens com conhecimentos já adquiridos anteriormente, também fora da sala de aula. A metodologia utilizada neste trabalho teve base na observação de uma turma de jardim B para verificar o impacto da utilização de um ursinho que os alunos levavam para suas casas nas práticas de iniciação à alfabetização. Os alunos tinham oportunidade de brincar com o ursinho e, depois, deviam fazer o registro dos acontecimentos em um caderninho com desenhos e escrita auxiliada pela família, posteriormente relatando em sala de aula a atividade realizada. A partir deste estudo podemos perceber que este ursinho teve grande importância no desenvolvimento de habilidades iniciais de alfabetização para os alunos, já que proporcionou a desinibição destes na hora de relatar, a responsabilidade de cuidar de um elemento comum a sua vida, mas desta vez da sua escola, que foi para a casa sob sua própria responsabilidade. E o mais importante: o despertar pelo interesse em escrever sozinho o relato das suas brincadeiras com o ursinho. A partir destes resultados podemos concluir que a utilização de atividades lúdicas que proporcionem ao aluno o contato com práticas de letramento e alfabetização faz com que o processo seja ainda mais significativo, efetivo, facilitado seu desenvolvimento nos próximos anos de efetiva alfabetização.

**Palavras-chave:** Letramento – Lúdico – Alfabetização – Educação Infantil

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. DIFICULDADES EM ALFABETIZAR .....	12
3. NO CAMINHO DOS NÍVEIS DA CONSTRUÇÃO DA ESCRITA .....	16
4. ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL – LUDICIDADE EM QUESTÃO.....	19
5. PLANEJAR É PRECISO.....	25
6. ANALISANDO DADOS DO JARDIM B .....	28
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
8. REFERÊNCIAS.....	38

# 1. INTRODUÇÃO

## **Alfabetizar... afinal de contas, o que é isso?**

Quando estamos falando em processo de alfabetização, estamos falando de um processo longo, delicado e que implica em fazer uma criança compreender um processo ligação entre mais de 23 caracteres diferentes e a sua ligação com a nossa língua materna. É uma missão difícil, já que a princípio, alfabetizar uma criança, seria a “grosso modo” fazer com que ela, sem saber o traçado de nenhuma letra, chegue à construção das mais diferentes e complexas palavras da nossa língua. Parece complicado, e é mesmo! O professor que assume a posição de alfabetizador deve estar consciente de que mais que todos os outros, está assumindo uma posição única na vida das crianças com as quais irá trabalhar. Tanto quando consegue êxito no seu trabalho, quando presencia a criança imersa em inúmeras dificuldades, avançar vagarosamente neste caminho.

Sabendo disso, este trabalho surge com uma pergunta instigante: quando a escola deve efetivamente começar o trabalho de alfabetização? Pois bem, aprender a ler e escrever diferentemente da idéia que se tem, não inicia do zero. Toda a criança carrega uma bagagem de conhecimento que vai adquirindo desde os primeiros minutos de vida, sendo assim, o trabalho de incluir a criança em um mundo letrado, mistura o desafio de conhecer o novo e também trazer elementos que ela já domina ou conhece para fazer parte do seu processo. Nos últimos tempos muito temos ouvido acerca da mudança em relação ao Ensino Fundamental de 9 anos. O primeiro ano seria como um “prezinho”? A alfabetização efetiva iniciaria no segundo ano, que viria para substituir a antiga primeira série? Esta questão é essencial para aqueles que se preocupam com a aprendizagem de seus alunos de forma sólida. A intenção da reforma no Ensino Fundamental foi dar uma oportunidade aos professores para trabalharem a alfabetização utilizando o lúdico como chave principal para o processo de letramento e alfabetização. As crianças que chegam no primeiro ano, devem ter completos, ou estarem completando 6 anos de idade. A criança nesta faixa etária precisa do lúdico como suporte para suas associações, portanto o trabalho desenvolvido deve efetivamente estar ligado aos anseios da mesma para que tenha bons resultados, significando planejar as suas

atividades baseando-se em elementos diversos, chamativos, que despertem a curiosidade e que ao mesmo tempo sejam prazerosos.

Para que o processo de alfabetização seja trabalhado de forma adequada, faz-se necessário que o professor tenha domínio da forma com que este processo ocorre. Na verdade, não se tem como prever o tempo que a criança vai levar para concretizar o processo de alfabetização, mas sabemos que ela passa por estágios bem definidos que estão ligados à sua forma de pensamento e ação.

A identificação dos níveis de escrita tem apenas uma função: mostrar para o alfabetizador qual a hipótese dos seus alfabetizados sobre o funcionamento da escrita para, a partir do conhecimento revelado em cada fase, propor atividades que auxiliem no avanço das hipóteses. (COSTA, 2006, p. 4)

Um dos principais pontos para conhecimento do caminho da alfabetização é a passagem pelos níveis de construção da escrita. Estes níveis foram descobertos pela estudiosa Emília Ferreiro, e com o tempo outros como Ana Teberosky e Ester Grossi foram agregando seus conhecimentos em relação a esta teoria, que a cada dia mais vem sendo comprovada em sala de aula.

A alfabetização tem sido, através dos tempos, motivo de estudos e pesquisas. Nas últimas três décadas maior atenção foi dedicada à construção do processo da escrita, a psicogênese da escrita e da leitura, baseado nos estudos de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (1979).

Posteriormente este trabalho apresenta um capítulo que detalha cada nível de construção da escrita, mas cabe aqui uma breve descrição da gradatividade com que este processo ocorre: primeiro a criança representa sua escrita através de desenhos, ou seja, a criança ainda não tem a idéia de que a escrita está relacionada à fala, e sim à imagem daquilo que quer representar. Posteriormente, a criança compreende que a escrita é expressa através de símbolos gráficos definidos, mas até aprender alguns deles, expressa com riscos que imitam letras, ou talvez até números, etc (temos nesta fase o chamado realismo nominal). De acordo com a construção do conhecimento da criança, ela vai compreendendo que a escrita é relacionada à fala, expressa através de letras, e assim, primeiro ela faz relação com os pedacinhos de cada palavra, usando uma letra para cada sílaba, podendo ou não ter correspondência sonora, e assim, gradativamente vai adquirindo conhecimento

em relação às letras que podem ser usadas para representar a fala e as particularidades da língua materna.

Os níveis de construção da escrita correspondem à forma de expressão da hipótese que o alfabetizando tem sobre o funcionamento da escrita, mesmo antes de frequentar um curso de alfabetização e ao longo deste aprendizado. Por isso, a teoria também é chamada de “psicogênese da língua escrita” e significa produção de conhecimento sobre o processo da formação da língua escrita. Por se tratar de níveis de conhecimento, também se costuma falar em níveis cognitivos, pois a palavra cognição diz respeito à aquisição de conhecimento. (COSTA, 2006, p. 1)

A grande dificuldade encontrada durante este processo, encontra-se no fato de despertar na criança essa consciência fonológica e fazer com que ela memorize de forma significativa os caracteres que são utilizados em sua escrita, bem como a sua representação. A dificuldade está mais precisamente em fazer com que a criança tenha interesse em aprender a ler e escrever, e consiga transformar o conhecimento que já tem, agregando aquilo que está sendo trabalhado em aula. A questão central é que, como são crianças, o despertar para a escrita precisa estar ligado à sua realidade, ou seja, precisa ter elementos bem “infantis” nesta busca pelo saber. O lúdico então entra como um dos principais fatores capazes de aproximar esse conteúdo mais teórico, à realidade da criança. Outros fatores como a afetividade, o olhar diferenciado para cada história de vida de cada aluno, o uso de jogos e estratégias metodológicas adequadas, bem como o estudo sobre o processo de alfabetização acabam por ser apoios importantíssimos para o sucesso deste processo.

Eu, particularmente, sempre fui apaixonada pelo processo de alfabetização, trabalhei durante todos os anos com classes de alfabetização, e este foi o primeiro ano que saí deste âmbito assumindo uma turma de Educação Infantil. Assumindo este novo desafio, percebi a importância que o início da alfabetização, já na educação infantil, assume para que as crianças criem interesse por esse tipo de aprender, e também desenvolvam habilidades e conhecimentos que facilitam o processo efetivo de aprender a ler e a escrever. Durante o estágio realizado no primeiro semestre deste ano letivo, consegui perceber que as crianças são atraídas por este tipo de conhecimento quando o lúdico é utilizado fortemente em sala de aula. Neste sentido, também destaco o estudo da história do nome e da sua escrita como um fator que pode desencadear um trabalho bem interessante aliado ao lúdico, desfazendo-se da idéia de cópia sem sentido, em um outro âmbito que

permita que a história de uma palavra significativa faça com que eles vejam a importância da escrita das demais palavras que os rodeiam. Quanto mais cedo a criança cria gosto e interesse em aprender a ler e escrever, quanto maior será a facilidade que ela terá em passar por toda a trajetória de níveis de construção da escrita.

Durante a aplicação do projeto de Estágio, que girava em torno da construção da Identidade, trabalhei com os alunos vários eixos temáticos como: o corpo, a saúde, as brincadeiras, a família, o nome, a escola, etc. Dentro deste estudo, em várias vezes o estímulo à escrita foi explicitado. Trabalhamos primeiramente com o nome, que fez com que despertasse nos alunos a vontade de escrever corretamente esta palavra que estava adquirindo cada vez mais significado para eles. Em outros eixos, partimos das letras já conhecidas para identificar a sua aplicabilidade dentro de palavras em estudo ligadas ao eixo, fazendo com que os alunos ficassem cada vez mais curiosos para descobrir mais letras e em que palavras poderíamos encontrá-las.

Todo este trabalho foi desenvolvido de forma não convencional, mas aguçando a vontade de saber através de atividades bem prazerosas para as crianças, onde o lúdico sempre esteve presente. Por este motivo o presente trabalho tem o objetivo principal de investigar sobre a importância do início do processo de alfabetização logo na Educação Infantil, aliando a estas práticas lúdicas para facilitar o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. Dentro deste estudo, será realizada uma investigação com os alunos da Turma de Jarbim B da Escola Álvaro Ferrugem, em Glorinha, turma da qual sou titular.

No capítulo 2 veremos os principais obstáculos que a escola enfrenta hoje em dia para que a alfabetização seja realizada de forma efetiva, refletindo um pouco sobre a importância de práticas de alfabetização e letramento desde a Educação Infantil. No capítulo 3, temos um pouco sobre a teoria da construção da escrita, sobre a forma como as crianças constroem a sua escrita através dos níveis e o papel do professor dentro desta aprendizagem. No capítulo 4 vemos de forma mais detalhada a importância do lúdico no papel da construção da escrita da criança, dentro da perspectiva da educação infantil. No capítulo 5 temos a importância de um planejamento adequado para que as práticas descritas anteriormente tenham sucesso. Após estes capítulos, temos a análise de dados, onde é feito o relato de uma atividade desenvolvida nas aulas, mostrando a importância da forma em que

essas práticas contribuem para a aprendizagem e para a vida dos alunos como um todo.

## 2. DIFICULDADES EM ALFABETIZAR

*“Brincar com criança não é perder tempo, é ganhá-lo; se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los, sentados enfileirados, em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem.” Drummond*

Não há como negar que uma das maiores dificuldades da Escola é fazer com que todas as crianças consigam alfabetizar-se no tempo “proposto”. Hoje vemos crianças no terceiro, quarto e demais anos, sem estarem totalmente alfabetizadas. A grande questão é que este não é um problema atual, isso vem sendo pensado desde muito tempo, visto Emília Ferreiro que já em 1974 iniciou seus estudos com a “Psicogênese da língua escrita” motivada a compreender um pouco mais sobre este processo, já que as crianças desde aquela época apresentavam dificuldades em compreender o processo de alfabetização (FERRARI, 2008).

Os anos passaram, a estrutura no Brasil do Ensino Fundamental inclusive foi modificada para 9 anos para que a alfabetização fosse trabalhada com mais calma e de forma mais sólida nos dois primeiros anos, incluindo a não reprovação no primeiro ano.

Apesar de várias medidas terem sido tomadas, mostrando que o problema não é superficial, a dificuldade em fazer com que os alunos se alfabetizem continua presente. Um dos maiores avanços relacionados à solução deste problema foi a compreensão, através dos estudos sobre o construtivismo e demais linhas que defendem o conhecimento verdadeiro solidificado através da real construção do indivíduo, de que a criança precisa sentir interesse e compreender a importância do objeto a ser estudado. No caso da construção da escrita temos uma dificuldade em fazer com que uma criança tão cedo consiga compreender todo este pressuposto, levando em consideração que cada aluno possui uma história de vida diferente do outro, e que muitas vezes não é favorável para que a escrita ou o estudo como um todo, seja um objeto de interesse importante para sua vida.

Num marco de referência piagetiano, (...) os estímulos não atuam diretamente, mas são transformados pelos sistemas de assimilação do sujeito (...) Neste ato de transformação o sujeito *interpreta* o estímulo (...) e

é somente em consequência dessa interpretação que a sua conduta se faz compreensível.(FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana,1985, p.5)

Dentro deste contexto, vemos a aparição do termo “letramento”, ligado ao processo de alfabetização para abrir um leque de uso social deste língua aprendida dentro e fora da escola. Os primeiros métodos de alfabetização estavam ligados estritamente à grafia e som das letras/ palavras a serem escritas, o modo sintético.

O ensino tradicional obrigou as crianças a reaprender a produzir os sons da fala, pensando que, se eles não são adequadamente diferenciáveis, não é possível escrever num sistema alfabético. Mas, esta premissa baseia-se em duas suposições, ambas falsas: que uma criança de seis anos não sabe distinguir os fonemas do seu idioma, e que a escrita alfabética é uma transcrição fonética do idioma. A primeira hipótese é falsa, porque, se a criança, no decorrer da aprendizagem da língua oral, não tivesse sido capaz de distinguir oralmente pares de palavras, tais como pau, mau; coisa que, obviamente, sabe fazer. A segunda hipótese também é falsa, em vista do fato de que *nenhuma* escrita constitui uma transcrição fonética da língua oral. (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985, p.24)

Sendo assim, chegou-se à conclusão de que ensinar a ler e escrever ia além da repetição, cópia, transcrição literal da fala, decodificação dos caracteres, reforço e memorização repetitiva. Com o passar do tempo, baseado principalmente nos estudos de Piaget, diversos autores lançam o desafio de mostrar ao professor que a criança precisa muito mais do que lápis para escrever aquilo que ouve, e saliva para repetir o que se decodifica nos caracteres (SANCHIS; MAHFOUD, 2007. p 11)

Fazer uso social da leitura e escrita deve ser o foco principal da alfabetização nos dias de hoje. Isso é “fazer” letramento.

Com base na idéia de uso social do que se lê, decodifica e escreve, faz-se necessário que o trabalho abranja uma gama muito grande de alternativas para mostrar à criança que o mundo nos reserva grandes possibilidades de comunicação através não só de desenhos, imagens, movimentos, etc, mas também daqueles símbolos gráficos que estão por toda parte, representando muitas coisas a serem descobertas.

O sujeito que interage com o objeto de estudo, dando significado a ele, tendo a oportunidade de trabalhar através da troca de experiências, assimilando e associando o que é estudado, faz com que o conhecimento realmente adquira força na vida do indivíduo. No caso específico da alfabetização, não basta apenas partir do método fônico, mas é necessário que haja um comprometimento com a

construção da consciência fonológica da criança, e isso só será possível, se não partimos da idéia de alfabetização como algo estanque, e sim uma aprendizagem que pode ser construída utilizando inúmeros elementos presentes na vida dos alunos. Frases como “Ivo viu a uva”, muito utilizadas anos atrás, hoje não fazem sentido para crianças que vivenciam apelos midiáticos coloridos e chamativos diariamente.

Hoje temos um índice de analfabetismo que diminui com o passar dos anos no Brasil, bem como o número de crianças que freqüentam a escola. Isto é resultado de inúmeras políticas governamentais e sociais que incentivam, independente dos meios, a presença na escola e a aprovação, mas não significa necessariamente que estas crianças ou adolescentes estejam efetivamente aprendendo de verdade. Os professores enfrentam diversos problemas relacionados a isso, mas pouco podem fazer visto que, apesar de saberem das verdadeiras dificuldades, muitas vezes precisam adequar-se às metodologias das escolas. Não é raro encontrar professores insatisfeitos por terem aprovados alunos que realmente não teriam condições de passar à série seguinte, salvo em casos especiais em que realmente a aprovação serve como incentivo para um aluno com dificuldades não somente no âmbito cognitivo. Justifico meu trabalho pensando que se a alfabetização for concretizada de forma sustentável e significativa, fazendo com que os alunos saiam das classes de alfabetização com o conhecimento solidificado, muitos dos problemas relacionados à educação seriam solucionados. A partir do momento em que o aluno sai dos primeiros anos dominando as habilidades de leitura e escrita, bem como sabendo fazer e identificar o uso social da língua materna, compreendendo esses quesitos como os mais importantes para que a história de vida de cada um seja mais rica, os anos seguintes virão complementar com os demais conteúdos programáticos do currículo, resultando em um ensino de qualidade. A questão é que grande parte dos alunos saem das séries de alfabetização ou sem saber e ler e escrever, ou se sabem, sabem apenas superficialmente, ou seja, não dominam aquilo que se lê ou se escreve, bem como não sabem desenvolver argumentação crítica por aquilo que encontram em seu caminho.

E o que fazer para que as crianças consigam se alfabetizar de forma efetiva? Entramos no tema principal deste trabalho. A Educação Infantil traz consigo uma oportunidade única de fazer com que os alunos peguem “gosto” em vir para a

escola. Nesta etapa de ensino o uso do lúcido faz com que as crianças se identifiquem com a escola, pois encontram nela coisas que gostam de fazer e fazem parte do seu dia-a-dia fora da sala de aula. Aproveitar esses elementos para que a alfabetização já seja introduzida na Educação Infantil faz com que os alunos já estejam com estruturas predispostas para assimilar o processo agora iniciado no primeiro ano do Ensino Fundamental. A utilização de brincadeiras e recursos que façam com que as crianças não vejam a alfabetização como um bicho de sete cabeças, favorece a idéia de que o alfabeto é um jogo que podemos utilizar para compreender o mundo através da combinação de suas peças, que podem ser identificadas nos mais diversos lugares do nosso planeta, e estão presentes a praticamente cada suspiro nosso.

“Uma estudante norte-americana, de origem asiática, Kate M. Chong, ao escrever sua história pessoal de letramento, define-o em um poema:

O QUE É LETRAMENTO?

Letramento não é um gancho  
em que se pendura cada som enunciado,  
não é treinamento repetitivo  
de uma habilidade,  
nem um martelo  
quebrando blocos de gramática.  
Letramento é diversão  
é leitura à luz de vela  
ou lá fora, à luz do sol.  
São notícias sobre o presidente  
O tempo, os artistas da TV  
e mesmo Mônica e Cebolinha  
nos jornais de domingo.  
É uma receita de biscoito,  
uma lista de compras, recados colados na geladeira,  
um bilhete de amor,  
telegramas de parabéns e cartas  
de velhos amigos.  
É viajar para países desconhecidos,  
sem deixar sua cama,  
é rir e chorar  
com personagens, heróis e grandes amigos.  
É um atlas do mundo,  
sinais de trânsito, caças ao tesouro,  
manuais, instruções, guias,  
e orientações em bulas de remédios,  
para que você não fique perdido.  
Letramento é, sobretudo,  
um mapa do coração do homem,  
um mapa de quem você é,  
e de tudo que você pode ser.” (SOARES, 1998)

Sendo assim, o letramento é uma das peças fundamentais para que, em conjunto com o processo de alfabetização, consigamos criar leitores e escritores que vão além das paredes da sala de aula.

### 3. NO CAMINHO DOS NÍVEIS DA CONSTRUÇÃO DA ESCRITA

*“Ler não é decifrar, escrever não é copiar.” Emília Ferreiro*

A construção da escrita é um processo longo, onde as crianças passam por fases distintas e bem definidas de pensamento para que se chegue à fase alfabética e posteriormente ortográfica. De acordo com as estruturas mentais que vão sendo modificadas ao longo do processo desta aprendizagem, podemos ver a maturação da criança de acordo com a sua evolução. Emília Ferreiro e Ana Teberosky realizaram um forte estudo sobre a construção da escrita, resultando no livro: “FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.”, baseado na teoria de Piaget, que embora não tenha deixado nada escrito especificamente sobre a construção da escrita, detalha as relações de aprendizagem do sujeito com o meio:

A teoria de Piaget nos permite (...) introduzir a escrita *enquanto* objeto de conhecimento, e o sujeito da aprendizagem, *enquanto* sujeito cognoscente. Ela também nos permite introduzir a noção de assimilação (...). A concepção de aprendizagem (...) inerente à psicologia genética supõe, necessariamente, que existem processos de aprendizagem do sujeito que não dependem dos métodos (...)

O método (...) pode ajudar ou frear, facilitar ou dificultar, porém não *criar* aprendizagem. A obtenção de conhecimento é um resultado da própria atividade do sujeito.” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985, p. 28 e 29)

Quando as autoras mencionam a questão do método de alfabetização utilizado, remetem que não é o método por ele mesmo que irá definir a aprendizagem do aluno, mas o conhecimento do professor em relação às aprendizagens que se tem por objetivo. O sujeito precisa de estímulo para poder assimilar aquilo que está em foco, e muitos alunos precisam que este estímulo venha do professor.

Seria fácil se conseguíssemos apenas abrir a cabeça de nossos alunos e despejar letras e conhecimentos relacionados à escrita, porém, como sabemos, o conhecimento é construído, e não transferido diretamente. Depende do meio, das interações do sujeito com o objeto e do significado que essas interações adquirem para cada um. No caso da construção da escrita, o aluno precisa avançar nos níveis de desenvolvimento, mas não o faz sozinho, precisa entrar em conflito com os

saberes já dominados para que possa gradativamente compreender a escrita como um todo.

Os níveis de construção da escrita correspondem à forma de expressão da hipótese que o alfabetizando tem sobre o funcionamento da escrita, mesmo antes de freqüentar um curso de alfabetização e ao longo deste aprendizado. Por isso, a teoria também é chamada de “psicogênese da língua escrita” e significa produção de conhecimento sobre o processo da formação da língua escrita. Por se tratar de níveis de conhecimento, também se costuma falar em níveis cognitivos, pois a palavra cognição diz respeito à aquisição de conhecimento. (COSTA, p.1)

Os principais níveis de construção da escrita são: pré-silábico, silábico, silábico alfabético e alfabético. Porém, para passar de um nível para o outro, o aluno entra em conflito com suas idéias e revê as suas hipóteses, para assim avançar nesta caminhada.

- **Nível pré-silábico:** a criança ainda não compreende que a escrita está diretamente relacionada com a fala, utilizando letras e demais caracteres para representar a sua escrita. Nesta fase a criança não tem domínio de linearidade na escrita na folha. Temos então a fase do realismo nominal, na qual a utilização dos caracteres varia de acordo com o tamanho físico do objeto que se escreve, utilizando por exemplo para a palavra BOI inúmeros símbolos: HSUD398754KSJDG e para a palavra MOSQUITO, poucas: US8#, já que o boi é um elemento grande e o mosquito pequeno.
- **Nível silábico:** a criança já compreende que existe uma relação entre fala e escrita, porém, representa cada “parte” da palavra com um caractere. Como ela compreende que a fala é dividida em pedacinhos, pressupõe que cada um desses pedaços deve ser escrito com uma letra, pois já sabe que a letra representa um som. Nesta fase podemos ver a relação de sonoridade, pois o silábico com valor sonoro, colocara uma letra para cada sílaba, porém, as letras terão ligação com o som que a palavra emite. Já o silábico sem valor sonoro, representa uma letra para cada sílaba, mas as letras utilizadas não correspondem ao som da palavra. Exemplo: para a palavra BOLA o sujeito silábico com valor sonoro poderia representá-la com: B L ou O A, já o sujeito silábico sem valor sonoro poderia representá-la com H T ou qualquer outra letra que lhe convém na hora da escrita, mas sem representação da fala. No caso do sujeito silábico sem valor sonoro, o trabalho do professor deve ser intensificar o conhecimento de cada letra para que ele possa avançar sua

evolução, pois o mais “difícil” já foi evidenciado: a compreensão da relação da escrita com a fala.

- **Silábico alfabético:** a criança a partir do nível silábico percebe que apenas uma letra para a representação do som que a sílaba faz ainda é pouco, por isso, em algumas sílabas coloca mais de uma letra que represente o som, porém, como não domina com total segurança a “combinação” que as letras proporcionam, ouvimos muitas vezes que a criança está “comendo letras”. Nunca ouvimos falar em crianças que passaram mal por congestão de letras. A falta de letras na escrita da palavra indica que ela está em conflito para chegar à fase alfabética.
- **Nível alfabético:** O sujeito domina a compreensão da formação de sílabas e palavras, porém, ainda não domina as peculiaridades da língua materna, ou seja, as dificuldades ortográficas, evidenciando a escrita como transcrição literal fonética da fala. Também observamos aí a dificuldade que os alunos apresentam na segmentação das palavras em uma frase, pois a divisão das palavras em sílabas em seu processo de escrita, confunde- a no pensar onde começa e onde termina cada palavra.

Neste sentido, vemos que a caminhada é longa e não é tão fácil para uma criança conseguir aprender todas as letras do alfabeto, todas as suas representações e utilidades dentro do que para eles é infinito: a possibilidade de escrita de todas as palavras. Por isso, o professor alfabetizador não pode nunca esquecer que o trabalho com o erro construtivo é um dos principais pontos que podem auxiliar os alunos a avançarem em sua caminhada. O aluno quando entra na escola traz uma gama de conhecimento que não pode ser desconsiderada, e deve sim ser aproveitada como gancho para as aprendizagens formais a serem desenvolvidas na escola.

Algo que temos procurado em vão nesta literatura é o próprio sujeito. (...) O sujeito que conhecemos através da teoria de Piaget é um sujeito que procura ativamente compreender o mundo que o rodeia, e trata de resolver as interrogações que este mundo provoca. Não é um sujeito que espera que alguém que possui um conhecimento o transmita a ele, por um ato de benevolência. É um sujeito que aprende basicamente através de suas próprias ações sobre os objetos do mundo, e que constrói suas próprias categorias de pensamento enquanto organiza seu mundo. (FERREIRO; TEBEROSKY, p. 26)

O sujeito que entra na educação Infantil também está cheio de vontade de aprender, e o seu processo de construção da escrita já começa a se solidificar neste momento, pois para ele, a entrada na escola implica em ser alguém que vai aprender mais, inclusive sobre a escrita, que já é esboçada e expressa de alguma forma. No próximo capítulo veremos de que forma a educação infantil pode auxiliar no avanço desses níveis de escrita.

#### **4. ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL – LUDICIDADE EM QUESTÃO**

*“O impulso lúdico é fonte de vida, é ele quem harmoniza o homo-sapiens e o homo-faber; demos seu espaço e tempo livre ao homo-ludens.” Raimundo Dinello (1996)*

E o que a Educação Infantil tem a ver com os níveis de construção da escrita? Sabemos que a alfabetização, segundo nosso programa curricular, deve estar solidificada no final do segundo ano. Ou seja, para o aluno passar para o terceiro ano do Ensino Fundamental, deve estar alfabetizado. A questão intrigante é que as crianças que chegam na educação infantil, de alguma forma, esperam descobrir coisas novas na escola. E já chegam também com um conhecimento forte dentro de sua história de vida, principalmente relacionada à escrita. Pouco imagina-se que uma criança de cinco anos chegue à escola ansiosa por aprender a pintar, coisa que ela já faz desde que iniciou-se na tarefa de usar lápis e papel. Nos conteúdos programáticos da Educação Infantil encontramos muitas habilidades a serem desenvolvidas, que são de importância ímpar para a história acadêmica deste indivíduo. Desenhar, cortar, dobrar, análise de texturas, tamanhos, dimensões, etc. todos estes conteúdos precisam ser trabalhados para que as crianças consigam desenvolver principalmente a parte de coordenação motora, habilitando-a a prosseguir nos estudos mais “difíceis” que virão pela frente. O que muito vem acontecendo com a reforma do Ensino Fundamental de nove anos, é que a grande maioria dos professores está confundindo o primeiro ano com a Educação Infantil. O objetivo é fazer com que os dois primeiros anos sejam destinados à alfabetização do sujeito, de forma mais esmiuçada do que era trabalhada antes, porém, isso não está ficando bem claro dentro das escolas, e os professores de primeiro ano acabam por deixar a responsabilidade da alfabetização em si, para o segundo ano. Oras, se os

alunos chegam na escola com sede de aprender, por que não podemos dar o pontapé inicial desde pequenos?

O que se tem que ter bem claro neste momento, é que a alfabetização, como já foi falado, não deve ser encarada de forma tradicional, cópia, repetição, decodificação pura. Certamente se as crianças forem estimuladas dessa forma desde a entrada na escola, quando chegarem no segundo ano realmente não estarão felizes em estar na escola, tamanha a demanda de enfadonismo, utilizando o lúdico.

O lúdico refere-se a uma dimensão humana que evoca os sentimentos de liberdade e espontaneidade de ação. Abrange atividades despreziosas, descontraídas e desobrigadas de toda e qualquer espécie de intencionalidade ou vontade alheia. É livre de pressões e avaliações. (SÁ)

Fazendo a análise do caminho que a construção da escrita ocorre, percebemos que o caminho até ela chegar ao nível silábico é muito grande, e demanda uma grande margem de jogo de cintura do professor em relação a isso. Caso este processo seja deixado para ser estimulado apenas no segundo ano, há grandes riscos dos alunos não “darem conta” de compreender todo esse processo em tão pouco tempo. Analisando assim, podemos perceber que a questão do letramento pode e deve auxiliar o professor a fazer com que este processo seja amadurecido mais cedo. É possível perceber que a criança da educação infantil é extremamente engajada em participar das atividades propostas pelo professor e em descobrir coisas novas na escola. Sendo assim, existiria um gancho maior para o início de alfabetização, sem tanta cobrança tanto para o aluno, quanto para a escola, como para o professor?

De acordo com a construção da escrita, os alunos antes de chegar ao nível pré-silábico utilizando letras para a escrita, chegam na escola, muitas vezes, sem saber sequer escrever seu nome. A primeira forma de escrita dos alunos é através do desenho, da representação da imagem daquilo que se quer escrever. Depois, quando percebe que a escrita é diferente do desenho, seus “riscos” vêm imitar uma escrita, utilizando posteriormente sinais gráficos indefinidos para ser visto como “letras”. Aos poucos, ela vai conhecendo as letras do seu nome e das coisas que estão ao seu redor, principalmente aquelas com apelo midiático ou diário (nome de lojas, de ônibus, placas, marca de objetos de casa, de roupas, etc.). Muitas vezes,

por não saber corretamente a grafia da letra que pretende escrever, inventa alguns sinais para representá-las, misturando formas das letras que já conhece. Não podendo esquecer, que neste caso, os números e demais caracteres presentes como pontuação e os mais diversos sinais usados para a escrita também entram na formulação de sua hipótese. A escola entra como o principal canal de aprendizagem deste sujeito para proporcionar o conhecimento mais específico das letras em questão: seu traçado, seu som, sua correspondência com a fala e em que palavras podemos encontrá-las. A questão em jogo é como despertar o interesse dos alunos por fazer parte deste processo. A escola precisa encontrar estratégias para que o aluno consiga querer fazer parte deste universo letrado, e não veja essa aprendizagem de forma rígida. Sendo assim, buscar o aluno com jogos, brincadeiras e elementos lúdicos são essenciais para que desde cedo possamos despertar o engajamento deles, começando pelas primeiras hipóteses construídas pelos mesmos.

O desenhar e brincar deveriam ser estágios preparatórios ao desenvolvimento da linguagem escrita das crianças. Os educadores devem organizar todas essas ações e todo o complexo processo de transição de um tipo de linguagem escrita para outro. Devem acompanhar esse processo através de seus momentos críticos até o ponto da descoberta de que se pode desenhar não somente objetos, mas também a fala. Se quiséssemos resumir todas essas demandas práticas e expressá-las de uma forma unificada, poderíamos dizer o que se deve fazer é, ensinar às crianças a linguagem escrita e não apenas a escrita de letras (Vygotsky *apud* BITTENCOURT; FERREIRA, 2002)

Por que protelar este aprendizado somente para o primeiro e segundo anos? Justifico este trabalho sabendo que a alfabetização pode e deve ter início na Educação Infantil, desde que observadas as características da faixa etária. A sala de aula da Educação Infantil é um universo à parte. Dentro dela, as crianças liberam a sua imaginação, são desafiadas, aprendem a trabalhar em grupo e compreendem a escola como um lugar gostoso de passar o dia. Os conteúdos programáticos deste nível são de extrema importância e devem ser trabalhados com todo o interesse e entusiasmo. Porém, as práticas de letramento já na Educação Infantil configuram-se como fator-chave para a aprendizagem dos alunos tanto a nível de habilidades, quanto a nível de alfabetização. Mas como desenvolver atividades que unam estes processos, sendo da mesma forma despertadoras de interesse para a criança? Temos aí o lúdico como promotor desta aprendizagem diferenciada. Através do

lúdico, há a possibilidade de fazer com que o conhecimento que a criança traz em sua bagagem possa ser aproveitado para toda uma gama de conhecimentos relacionados à leitura e escrita desde já. “Que uma criança não saiba ainda ler, não é obstáculo para que tenha idéias bem precisas sobre as características que deve possuir um texto escrito para que permita um ato de leitura” (FERREIRO; TEBEROSKY, p. 39)

A oralidade é uma questão extremamente importante de ser trabalhada e explorada nesta fase, já que ela impulsionará as habilidades de argumentação, raciocínio lógico e posteriormente a escrita sem medo. Contar histórias, trabalhar com materiais escritos que a criança tenha acesso... tudo isso faz com que a criança desperte o gosto pela aprendizagem letrada. Desde cedo há uma necessidade de que as crianças sintam prazer em ler, em escrever, em argumentar, e na Educação Infantil o fator lúdico é a “costura” que precisamos para que estas aprendizagens se desenvolvam.

Com as atividades lúdicas, espera-se que a criança desenvolva a coordenação motora, a atenção, o movimento ritmado, conhecimento quanto à posição do corpo, direção a seguir e outros; participando do desenvolvimento em seus aspectos biopsicológicos e sociais; desenvolva livremente a expressão corporal que favorece a criatividade, adquira hábitos de práticas recreativas para serem empregados adequadamente nas horas de lazer, adquira hábitos de boa atividade corporal, seja estimulada em suas funções orgânicas, visando ao equilíbrio da saúde dinâmica e desenvolva o espírito de iniciativa, tornando-se capaz de resolver eficazmente situações imprevistas. (BITTENCOURT; FERREIRA, 2002, p.12)

O lúdico em sala de aula, tem-se feito cada vez mais necessário, já que as crianças de hoje em dia exigem muito mais da escola do que antigamente. A mídia encarrega-se de encher os olhos dos pequenos com coisas coloridas e atrativas, e se a escola não correr atrás da atenção dos alunos, tende a dispersão do mesmo. O fator favorável existente na educação infantil é o nível de desenvolvimento da criança (pré-operacional, segundo Piaget), que demanda jogos e atividades que desenvolvam sua criatividade que está muito aflorada nesta época de sua vida. O brincar faz parte de sua vida cotidiana e lhe dá prazer, então a Escola deve fazer uso deste elemento para desenvolver as habilidades necessárias. Piaget elencou três tipos de jogos:

Piaget (1945/1971) classifica os jogos que a criança apresenta em três tipos: jogos de exercício, jogos simbólicos e jogos de regras. Os jogos de exercícios são os primeiros a aparecer e predominam nos dois primeiros anos de vida. São exercícios lúdicos que correspondem a uma espécie de simples funcionamento por prazer. Com o desenvolvimento, a frequência destes jogos diminui e aparecerão os jogos dos outros tipos. Os jogos simbólicos são brincadeiras em que um objeto qualquer representa um objeto ausente. Por exemplo, uma criança que brinca de automóvel deslocando uma caixa está representando simbolicamente o automóvel pela caixa. Tal acontecimento só ocorre a partir dos dois anos de idade, quando a criança já está no estágio pré-operacional. Ainda para Piaget, os jogos de regras consistem em combinações sensório-motoras ou intelectuais e são reguladas, quer por um código transmitido de geração a geração, quer por acordos momentâneos. Este é um jogo característico do indivíduo socializado. (SANTOS, 2004)

O brincar, como está presente no cotidiano, auxilia no processo de familiarização tanto da escola, como novo ambiente, bem como com as aprendizagens a serem desenvolvidas. O jogo para muitos adultos pode parecer que não seja algo sério, apenas um passatempo. Para a criança, não! Jogar e brincar faz parte de sua vida, dos seus hábitos, de si mesma, pois estabelece vínculo com os elementos que fazem parte de determinados experimentos, primeiramente através de seus sentidos (sente, toca, vê, coloca na boca...), fazendo com que a importância do objeto vá aumentando à medida que vai compreendendo o seu sentido, o seu “porquê” dentro do momento em que está vivendo. Depois de ambientado com os elementos pertencentes à brincadeira ou jogo, existe uma modificação interna do ser se a atividade foi interessante. “Negrine (1994) diz que jogar não é apenas uma atividade e sim uma atitude que emana uma vivência de sentimentos e sensações que nos fazem desvendar significados e tomar decisões” (SÁ, s.d.). Ele modifica as suas estruturas assimilando através da interação com os mais diversos objetos.

Porém, a intencionalidade faz com que o jogo perca seu sentido lúdico. A criança deve brincar porque gosta, porque quer, porque deseja, porque lhe dá prazer.

“Só é possível manter a liberdade da magia lúdica, quando não houver opressão por rendimentos e produção.” (RAMORINI, 2006, p. 32) Através das brincadeiras a criança consegue compreender e aprender muita coisa de que de outras formas não seria possível, já que é no brincar que a criança se identifica. Infância combina com brincadeiras, com jogos, com o lúdico. É através desse tipo de interação que ela se desenvolve. Sabemos que muitas crianças não têm essa oportunidade no seu ambiente de casa, muitas sofrem com uma vida mais dura que de muitos adultos, e isso faz com que a presença de jogos e brincadeiras dentro da

sala de aula, e principalmente na educação infantil seja primordial para o desenvolvimento de qualquer criança. O conhecimento nesta etapa não dar-se-á através de repetição, de crianças sentadas uma atrás da outra, em um ambiente que não é aberto ao diálogo, à exploração, à interação e à imaginação tão fértil do aluno nesta faixa etária.

Utilizar o lúdico com as crianças para promover a construção do conhecimento vai além de apenas proporcionar momentos para que as crianças brinquem porque gostam.

Para Vygotsky (1984), os elementos fundamentais da brincadeira são: a situação imaginária, a imitação e as regras. Assim, ela traz consigo regras de comportamento que estão implícitas e são culturalmente constituídas. Num momento posterior, a criança se afasta da imitação e passa a construir novas combinações e, também, novas regras. Vygotsky (1984) define a brincadeira como criadora de uma “zona de desenvolvimento proximal”, que seria o caminho que a criança percorrerá para desenvolver funções que estão em processo de amadurecimento e serão consolidadas em um nível de desenvolvimento real. Isso ocorre, já que no brinquedo, a criança age como se fosse mais velha do que é realmente. Para este autor: “No brinquedo, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual da sua idade, além do seu comportamento diário; no brinquedo, é como se ela fosse maior do que é na realidade.” (Vygotsky, 1984, p. 117). (SANTOS, 2004)

Quando Vygotsky aponta a brincadeira como construtora da zona de desenvolvimento proximal, nos remete ao fator de habilidades que podem ser desenvolvidas com aquela criança, pois através da observação do desenvolvimento da criança nas brincadeiras, o professor consegue compreender e analisar até onde as aptidões do aluno podem ser trabalhadas, que tipo de atividades precisa desenvolver para que haja crescimento cognitivo das crianças.

Quando há a proposta de início de alfabetização já na Educação Infantil, o professor nunca deve perder de vista que fazer com que as crianças conheçam e entendam ao menos um pouco do mundo letrado que o cerca, não é nada fácil, justamente porque esta caracterização do jogo como algo “não sério” deve ser trabalhada para que os alunos entendam que os jogos podem trazer essa idéia de não seriedade, mas acima de tudo tratam da realidade do aluno. No jogo, na brincadeira, apesar do uso da imaginação e da “transferência” de papéis, é onde o aluno mostra o seu verdadeiro “eu”. Quando constrói as regras próprias, as suas manias e maneiras de interagir com objetos ou pessoas em uma determinada maneira, a criança está demonstrando aquilo que está lá no fundo do seu inconsciente. Por essa

característica de “liberdade” que a brincadeira provoca, a criança consegue de forma mais leve expressar suas habilidades, sem a pressão de estar desenvolvendo uma atividade escolar observada e avaliada por um professor. Este ponto é o que favorece a aprendizagem do processo de alfabetização e letramento na Educação Infantil.

Quando a criança entra no segundo ano, está sob a pressão de TER QUE ler e escrever no final do ano. Porém, se o conhecimento das letras, dos sons, do uso e identificação de letras e palavras no contexto do cotidiano desta criança através de uma forma mais lúdica, com atividades diversas e promissoras, faz com que as pré-disposições para a alfabetização já se desenvolvam sem este olhar crítico, vendo a aprendizagem de forma mais prazerosa obtendo assim, melhor resultado lá no final do processo, que na verdade perpetua por toda a vida do sujeito. “Assim como ao termos consciência que a criança possui outras intencionalidades além do brincar, trazemos o lúdico para um lugar de respeito à medida que desfazemos o equívoco de que a criança brinca porque não tem nada mais sério para fazer” (SÁ, s.d.)

## **5. PLANEJAR É PRECISO**

*“Planejar é antecipar mentalmente uma ação a ser realizada e agir de acordo com o previsto; é buscar fazer algo incrível, essencialmente humano: o real ser comandado pelo ideal”.*

Sabendo-se portanto que as práticas de alfabetização na Educação Infantil são de suma importância, e que devem estar presentes e sala de aula, principalmente através do lúdico, é preciso pensar de que forma essa ação cotidiana deve ser estruturada.

O planejamento da Educação Infantil já foi e ainda é alvo de muitos estudos. Por este nível de ensino ser muitas vezes percebido como “mais fácil”, e a utilização de brincadeiras e atividade mais cotidiana das crianças, por vezes os professores acabam por não realizar um planejamento tão “esmerado” como deveria ser. Existem muitos tipos de modalidades de planejamento encontrados na Educação Infantil, como por exemplo: listagem pura das atividades, planejamento com base em datas comemorativas, por temas geradores, etc. Porém, a metodologia aqui proposta, envolvendo práticas lúdicas, requer mais reflexão e estrutura para que se possa atingir os objetivos definidos para esta fase do processo de alfabetização. De

nada adianta o professor trabalhar com jogos de letras, palavras, leitura, se por detrás desta ação não houver uma intencionalidade forte.

Quando se pensa e se percebe a necessidade de mudar o planejar, entende-se a real dimensão do grau de complexidade desta transformação, bem como, a importância desta conscientização. As idéias se enraizam a partir da tentativa de colocá-las em prática, se ganha clareza à medida que se faz a mudança e se reflete sobre isso, coletiva e criticamente. [...] afirma-se que repensar o planejamento na Educação Infantil implica sanar as lacunas existentes entre o planejar e a prática efetiva do docente. Significa re-imaginar e recriar as práticas pedagógicas aliadas às teorias educacionais numa convergência de significados. (ANTUNES; HAUSCHILD, 2002, p.7)

Desta forma, os Projetos Pedagógicos são a estrutura que vêm sustentar essa ação educativa diferenciada, organizando o currículo e caracterizando o processo de mediação da escola do aluno com o conhecimento.

E então, o que e como planejar? Esta é uma pergunta que intriga muitos professores. Utilizar práticas de letramento como guia deve ser um dos quesitos que não devem ser esquecidos, pois através delas, o lúdico pode ser uma veia que faz com que os alunos se interessem por aquilo que está sendo trabalhado. Temos aí o ponto de partida: o interesse do aluno, aliado aos conteúdos programáticos que se tem que trabalhar. A probabilidade de o aluno construir o seu conhecimento mais significativamente é muito maior se o “gancho” usado for de interesse dos próprios. Neste sentido, a sondagem entra como um pontapé inicial para quem quer desenvolver um projeto na Educação Infantil. Listar aquilo que os alunos gostariam de aprender, o que já sabem sobre os assuntos destacados e de que tipo de atividades eles gostariam de participar, faz com que os pré-requisitos para que o projeto seja montado apareçam. A partir desta sondagem, os objetivos devem ser traçados, mas é importante que sejam, principalmente em função da faixa etária de trabalho, muito específicos. Depois que se sabe “o que” trabalhar, “o como” trabalhar entra em discussão. As práticas de ludicidade devem entrar com grande força neste sentido. Tudo o que já foi trabalhado no capítulo anterior deve ser colocado em prática em sala de aula de forma bem concreta para que a proposta de alfabetização já na Educação Infantil tenha sucesso. Um planejamento bem elaborado, primando alguns aspectos importantes tanto para a formação da criança como um ser social ativo e crítico, bem como a construção do conhecimento “formal” deve ser levado a sério desde sua elaboração até o final da aplicação.

Para que a criança sinta-se imersa em um mundo letrado, as atividades precisam ser bem estruturadas e chamativas, mas principalmente ela precisa perceber a importância do que está fazendo. O planejamento das atividades devem ter objetivos claros para a criança, podendo ser revelados aos poucos, utilizando a criatividade para que os mesmos possam desfrutar da satisfação de descobrir a magia que encontra-se na descoberta de cada letra, de cada poema, de cada jornal, de cada narrativa construída por eles.

O mais importante nas atividades de letramento e alfabetização desenvolvidas na Educação Infantil é salientar à criança que aprender a ler, a escrever e compreender o mundo letrado ao nosso redor é sinônimo de muito prazer, e não de sacrifício.

Para Froebel, a educação mais eficiente é aquela que proporciona atividades, autoexpressão e participação social às crianças. Ele afirma que a escola deve considerar a criança como atividade criadora e despertar, mediante estímulos, as suas faculdades próprias para a criação produtiva. Sendo assim, o educador deve fazer do lúdico uma arte, um instrumento para promover e facilitar a educação da criança. A melhor forma de conduzir a criança à atividade, à auto-expressão e à socialização seria através do método lúdico. (BITTENCOURT; FERREIRA, 2002, p. 14)

Para que isso ocorra, o manuseio de materiais variados, práticas diversas de leitura, horas do conto, estudo sobre temas diversos, seminários, muito material concreto e atividades que possibilitem exploração de espaços e interação com os alunos é indispensável.

Além das práticas citadas acima, destaco o trabalho com o nome como um elemento fundamental para que os alunos possam compreender a escrita como forma de comunicação importante. Trabalhar com o nome do aluno traz a possibilidade do sujeito trabalhar com a palavra que mais tem significado em sua vida, fazendo com que a escola sistematize aquilo que para ele é importante, já é utilizado e espera ser trabalhado de forma mais “formal”. As letras que formam o nome, principalmente a letra inicial, o som que possui, outras palavras que existem com a mesma letra, onde podemos encontrar as letras trabalhadas... iniciam um trabalho que pode ser muito interessante, pois lança uma possibilidade de trabalho interdisciplinar, que configura-se como outro fator imprescindível para a

aprendizagem efetiva através de projetos. Dentro desta proposta pode ser trabalhada de forma interdisciplinar, abrangendo diversas áreas dos saberes, através da descoberta de elementos da própria vida do indivíduo, construindo assim, sua identidade. Os materiais utilizados nesta pesquisa devem fazer parte da própria vida da criança, para que ela consiga compreender que a escrita faz parte de sua vida, do seu mundo.

Desta forma, a escola deve facilitar a aprendizagem utilizando-se de atividades lúdicas que criem um ambiente alfabetizador para favorecer o processo de aquisição de autonomia de aprendizagem. Para tanto, o saber escolar deve ser valorizado socialmente e a alfabetização deve ser um processo dinâmico e criativo através de jogos, brinquedos, brincadeiras e musicalidade. (BITTENCOURT; FERREIRA, 2002, p.11)

As palavras de Bittencourt e Ferreira vêm ao encontro das idéias anteriormente citadas, já que nos remete às relações de que a Escola pode e deve fazer parte do processo de alfabetização e letramento de forma mais comprometida, visando a construção real do conhecimento do sujeito, priorizando a interação dos alunos com o objeto em questão, bem como com o meio e os desafios que geram assimilação, adaptação e acomodação.

A postura do professor perante o planejamento faz toda a diferença para que o trabalho dê certo. O comprometimento dele faz com que seu trabalho tenha cada vez mais credibilidade, e só assim poderemos diminuir o grande índice apenas meros “repetidores” em sala de aula, e aumentarmos o índice de alunos críticos e ativos dentro da sua sociedade, pois é trabalhando desde cedo em práticas de uso social do conhecimento (não apenas da língua materna) que se faz uma nação com cidadãos capazes de transformar a sua realidade. E nada disso é possível, se não houver estudo e planejamento principalmente por parte dos professores diretamente envolvidos.

## **6. ANALISANDO OS DADOS DO JARDIM B**

A turma do Jardim B é composta por 15 alunos, na Escola Álvaro Ferrugem no município de Glorinha, com faixa etária média de 5 anos de idade. A turma é bastante agitada, em grande parte em função da sua idade. Porém, extremamente participativa e ansiosa em aprender. Durante o primeiro semestre de 2010 realizei

meu estágio curricular do presente Curso de Graduação, onde o objetivo principal era que os alunos estudassem e construíssem noções sobre a sua identidade. A proposta de trabalho era centrada em um tema que despertaria interesse pelos alunos e que abriria um leque bem grande de trabalho, podendo abranger fortes práticas de letramento e alfabetização.

O trabalho teve segmento nos eixos: O corpo, cuidados com o corpo, gosto e não gosto, de onde eu vim e onde eu estou, minha família, meu nome, sou brasileiro e estou na copa, a vida é um jogo, festa junina – alegria em minha vida e as histórias de minha infância. Dentro destes eixos foram trabalhadas diversas atividades de pesquisa e integração dos alunos com a escola, bem como dos pais com a escola. O que nos interessa aqui, é o ponto da alfabetização e do letramento deste trabalho. Sendo assim, destaco o eixo que fez com que os alunos se aprofundassem mais com a questão da escrita do seu nome.

Quando houve o trabalho mais centrado na escrita do nome, algumas práticas de letramento e alfabetização já tinham sido trabalhadas em eixos anteriores. Dentro desta temática trabalhamos com a história do nome, a importância que o nome de uma pessoa tem. Montamos também um varal com as roupinhas de quando eram crianças para que pudessem ter noção de tempo e espaço dentro da sua própria trajetória de vida, assim como trabalhamos com fotos, músicas, vídeos, histórias, poesias, narrativas e jogos. Dentro de toda essa construção, observei que as crianças sempre estavam muito atentas a tudo que estava relacionado à escrita e ao som de cada letra. Como já tínhamos trabalhado o dia das mães e a semana do município, utilizamos o estudo detalhado das letras do seu próprio nome, observando onde elas poderiam ser encontradas, que outros coleguinhas também poderiam possuí-la.

Ainda trabalhando no contexto da construção da identidade através do estudo da escrita do nome, foi realizada em sala de aula, uma atividade com base no filme: *Lucas, um intruso no formigueiro*. Este filme foi usado como gancho para que pudesse introduzir em nossas aulas, uma sapinha de pelúcia que tinha por objetivo principal “rodar” pelas casas das crianças e desenvolver atividades referentes a relatos de acontecimentos. No filme, Lucas é um menino que cai em um formigueiro por alguns dias e percebe como é o funcionamento da casa das formigas e acaba compreendendo a importância de tratar bem todos os seres, independente do seu tamanho. Depois de todo um trabalho sobre o filme, é lançado para a turma o

desafio de cuidar de uma intrusa em nossa sala. A sapinha vem para a nossa sala, e pretende ser uma intrusa na casa de cada aluno. A cada dia da semana um aluno deveria levar a sapinha para casa e completar o diário que acompanhava, de forma com que deveriam desenvolver atividades e brincadeiras diversas com a sapinha durante o dia. No final de sua estadia, o aluno deveria ir ao diário e com o auxílio dos pais, realizar o relato, sendo que os pais ficariam responsáveis pela escrita e os alunos pela ilustração. No dia posterior, na sala de aula, o aluno deveria mostrar aos colegas o relato e explicar o que tinha sido feito no caderninho e de que forma houve a participação do mesmo em todo o processo. A atividade foi extremamente produtiva, já que desde a escolha do nome da nossa intrusa os alunos ficaram engajados em participar. O nome da sapinha, escolhido por votação foi “Verdinha”, e logo todos ficaram muito ansiosos para levar a sapinha para sua casa. Costa coloca que: “ a função educativa não está de modo algum confinada às paredes da escola” (COSTA, 2006, *apud* FREINET, 1966, p.3)

A cada dia que passava, quando os alunos chegavam na aula, logo queriam ir para a rodinha contar o que tinham feito com a sapinha e mostrar o diário preenchido. Com o tempo, alguns alunos relataram o seu próprio interesse em fazer o registro escrito, então, começamos a ter no diário, registro ditado pelos pais (em relação às letras que deviam ser usadas para a escrita das palavras), mas com a letra dos alunos.

Costa nos mostra como a visão de Freinet é importante para nossa percepção do aluno em sala de aula:

Para o autor os conhecimentos significativos para a criança são aqueles que estão diretamente ligados ao seu cotidiano, por meio do qual advêm todas as suas dúvidas, curiosidades e seu apetite por saberes. A partir dessa concepção, o papel do educador é o de conservar o apetite da criança e auxiliar na amenização de sua “fome”. (COSTA, 2006, p.5)

Sendo assim, as atividades que deveriam ser desenvolvidas com a sapinha, tinham a proposta de aguçar o saber das crianças através da brincadeira e dos cuidados com o bichinho, resultando no despertar pelo interesse da escrita dos relatos das atividades.

O ato de levar um elemento escolar para casa faz uma ligação entre a escola e a família, pois quando a criança chega em casa com a responsabilidade de cuidar de um objeto de grande significado para os colegas e para o trabalho escolar, está

mostrando à família que ela está criando uma personalidade mais madura e independente, pois de fato o “cuidador oficial” deste elemento é a criança, e não os pais. A primeira orientação de atividade a ser desenvolvida em casa com a sapinha é a brincadeira livre. A criança se vê com liberdade de soltar a sua imaginação em relação àquele objeto que teve origem na escola, e isso é extremamente prazeroso, visto que é um meio de transpor o ambiente escolar para a sua própria casa, sendo ela mesma a “coordenadora” das brincadeiras.

Quando chega a hora do registro, o letramento entra em cena. Além da sapinha proporcionar um estreitamento dos laços da criança com a escola, a hora do registro no diário proporciona também um estreitamento de laços dentro da própria família, fazendo com que os pais, irmãos ou demais cuidadores tenham a oportunidade de estar presentes já no início das produções da criança em relação à escola. Quando este grupo de pessoas pára para fazer este registro, é um momento em que a criança deve relatar o que fez com a sapinha, sendo o adulto obrigado a ouvir o que aconteceu durante o dia, bem como a criança deve observar a família escrevendo aquilo que ela estava falando, percebendo assim, que o seu relato é tão importante que é escrito no papel da mesma forma como é narrado por ela.

O desenrolar desta atividade procedeu-se com todos os alunos da turma, porém, para fins de estudo deste trabalho, a análise de três alunos será analisada. Os alunos serão identificados pelas letras A, B e C. A aluna A é uma menina extremamente inteligente, disposta e já em processo avançado em relação à construção da escrita, diferentemente do aluno B, que conhecia pouco das letras do alfabeto e é um menino bem mais tímido. A aluna C entra nesta análise como uma menina extremamente falante, mas com menos conhecimento sobre as letras do alfabeto. Depois de dois meses de percorrer as casas com a sapinha, podemos evidenciar algumas questões referentes aos casos de cada aluno.

No caso do aluno B, este entrou na escola neste ano e apesar de brincar com todos os coleguinhas, tinha grandes dificuldades de tomar a iniciativa para pedir para brincar com os colegas ou falar espontaneamente na rodinha. Pude perceber, que cada vez que o aluno levava a Sapinha para sua casa, já chegava em sala de aula extremamente motivado a contar sobre tudo o que tinha feito com ela em sua casa, o que favoreceu muito o seu desenvolvimento de comunicação oral entre os colegas.

*“Prô, tu nem sabe! A sapinha passou o dia todo comigo, a gente foi lá no campo junto com o pai pegar o gado, e eu fui de bicicleta com ela. Eu fiquei com medo dela cair, mas eu segurei ela bem forte aí ela não caiu, porque se tivesse caído ia sujar toda e tu e a mãe iam me matar né? –risos- De noite a gente olhou o filme do “doze” e ela ficou junto comigo no sofá o tempo todo. No micro hoje os “grandes” queriam pegar ela de mim, só que eu segurei de novo bem forte pra não ter perigo, e quase que eu esqueci o caderninho, mas a mãe correu e colocou dentro da minha mochila.”*

Já a aluna C, que é bastante expressiva, não teve dificuldades em relatar tudo o que acontecia em casa com a sapinha, todas as brincadeiras que fez com o mascote e a maneira como foi feito o registro. Larissa conta que um dia:

*“Eu passei a tarde brincando com ela, fomos no balanço e depois eu queria que ela tomasse banho junto comigo, mas a mãe não deixou. Na hora que tinha que escrever no diário, a mãe ia falando as letras pra minha irmã e ela ia escrevendo no papel. Às vezes a minha irmã errava as letras, e umas até eu sabia porque tinha no meu nome, nos nome dos coleguinhas que estão na parede. No final até minha irmã queria desenhar, mas eu não deixei! O trabalhinho tinha que ter o meu desenho, senão não tem graça.”*

Vemos neste caso o nítido entrosamento da família na construção do tema, e a idéia da criança em, apesar da irmã estar escrevendo “oficialmente” dela prestar atenção nas letras que estão sendo usadas para escrever aquilo que está sendo falado, bem como a noção de responsabilidade da sua parte no trabalho, compreendendo que a irmã tinha apenas que auxiliá-la, mas que a parte de ilustração era estritamente de sua responsabilidade.

Já com a aluna A, o caso foi além, no seu relato podemos perceber que ela não estava muito contente com o fato de ter que compartilhar a responsabilidade da escrita com a mãe:

*“Brinquei de comidinha, de casinha e de aulinha com a Verdinha. Eu tenho um quadro que eu brinco de aulinha com as bonecas, mas daí eu brinquei com a Verdinha. Ela gosta de comer massa, arroz e feijão. Eu deixei ela cair no chão, mas foi sem querer, aí eu limpei ela com um paninho pra não ficar suja. Quando a gente foi escrever no caderninho eu contei pra minha mãe tudo, mas eu pedi pra escrever e fazer o desenho junto, daí eu disse pra mãe fazer que nem tu (professora) mandou: ela ia falando as letras e eu ia escrevendo, mas tinha vezes que eu já sabia*

*escrever, eu sabia sozinha colocar o nome dela VERDINHA porque eu aprendi na aula e não esqueci, e mais um montão de palavras eu sabia como formar o pedacinho (sílabas) e a mãe disse que eu tava muito inteligente.”*

No caso da aluna A, percebemos que a brincadeira com a sapinha fez com que a sua vontade de escrever sobre suas experiências fosse aguçada. O fato de explicar para a sua mãe que já possuía habilidades suficientes para fazer o registro e que precisaria apenas de um auxílio mostra que o mundo letrado já faz parte da vida da menina, pois compreende que a escrita necessita de um cuidado maior, mas que de alguma forma ela pode contribuir para que seu registro seja ainda “mais seu”, caso consiga identificar as letras “ditadas pela mãe”, bem como identificando algumas sílabas contidas nas palavras, pois este trabalho de identificação das partes da palavra já vem sendo trabalhado em sala de aula.

Podemos observar então, a partir destes três relatos que a atividade traz em si uma grande oportunidade de os alunos desenvolverem habilidades diversas relacionadas à aprendizagem lúdica. Ao levarem para a casa um elemento da sala de aula e terem a oportunidade de fazer diversas brincadeiras de forma livre, desenvolvendo sua imaginação, os alunos têm uma oportunidade de trabalhar a desinibição e o despertar do interesse pela escrita com sentido, dando ênfase às práticas de letramento que fazem com que a criança perceba o registro das atividades realizadas por elas como algo de suma importância para que os próximos alunos saibam o que ele realizou em casa.

Ao final do primeiro ciclo de “passeios” da Verdinha pela casa dos alunos, montamos um painel na sala de aula, intitulado: “As aventuras de Verdinha, uma intrusa em nossa casa.” Na construção deste painel (que foi realizado já fora do período de estágio) cada aluno deveria ilustrar algum acontecimento importante envolvendo a estadia da Verdinha em suas casas, enfatizando tudo o que foi feito com a sapinha durante este período. Depois das ilustrações prontas, os alunos colaram-nas no painel, e a professora lançou o desafio de montarem com letras já recortadas e embaralhadas, o nome das atividades que foram desenvolvidas com a sapinha ao redor dos desenhos. No início os alunos ficaram espantados e falaram que não sabiam escrever. Porém, meu papel como professora é além de lançar o desafio, dar embasamento para que possam efetuar a atividade proposta. Então disse que como as letras eram móveis, poderíamos ir discutindo e arrumando as idéias até que se chegasse a um consenso da escrita das palavras, mas que a

primeira coisa que deveríamos fazer é identificar as palavras-chave através das ilustrações, que foram: balanço, bicicleta, casinha, comidinha, pega-pega, esconde-esconde, bola, boneca. Com as palavras a serem escritas escolhidas, comecei a perguntar como a gente poderia fazer para escrevê-las, e eles prontamente disseram que era com as letras. Então perguntei se poderia colocar qualquer letra para escrever as palavras, e mais uma vez em coro responderam que não. Então perguntei de que jeito a gente tinha que escolher as letras para escrever cada palavra, então o aluno B respondeu:

*“A gente tem que falar a palavra e ver qual a letrinha “faz” o pedacinho (sílabo) dela”*

Esta fala mostra que, apesar de não saber todas as letras do alfabeto, o aluno possui uma noção de que a fala está relacionada à escrita, evidenciando que o seu processo de alfabetização está avançando. Em todas as palavras escritas, deixei que os alunos montassem primeiro as suas hipóteses com as letras móveis, explicando que era como um jogo, onde a montagem das letras formaria uma palavra. Assim, os alunos sentiram-se mais desinibidos para entrarem na proposta, encarando realmente a tarefa como um jogo.

Quando Freinet fala que:

“O papel da escola e dos professores é de proporcionar situações por meio das quais as crianças sintam necessidade de agir, ou seja, fazer com que elas se dediquem intensamente à descoberta de algo que conseguiu despertar seu interesse.” (COSTA, 2006, *apud* FREINET, 1973, p.2)

compreendemos que os alunos não apenas criam coragem para dar palpites sobre a escrita, mas entendem que eles são capazes, a sua maneira, de escrever o que pensam sobre as atividades reais e importantes desenvolvida pelos mesmos, no caso a sua relação de entrosamento e brincadeiras com a sapinha.

A aluna A tomava a frente da construção da escrita das palavras. Assim que decidíamos qual palavra seria escrita, ela saltava na frente e já começava a falar qual letra seria preciso usar para escrever. Em todas as palavras que usamos, ela conseguiu fazer relação com pelo menos alguma letra da palavra com a utilização do nome dos colegas. Esta atitude, salientando que “casinha é com a letra da Prô Carina”, fez com que os colegas também prestassem atenção nos trabalhos expostos na sala para ver se conseguiam identificar também as demais letras. O trabalho foi conduzido fazendo com que os alunos prestassem atenção sílaba por

sílaba das palavras e as letras que precisávamos para montá-las. Em algumas situações, as dificuldades ortográficas demandavam maior auxílio, mas em grande parte do tempo os alunos conseguiam identificar o som das letras e algumas junções delas para formar as sílabas. Assim, é possível perceber que o alfabeto pode sim ser encarado como um grande jogo que nos possibilita através da montagem das mais diversas formas a escrita de palavras.

Nenhum sujeito parte do zero ao ingressar na escola de primeiro grau, nem sequer as crianças de classe baixa, os desfavorecidos de sempre. Aos 6 anos, as crianças 'sabem' muitas coisas sobre a escrita e resolveram sozinhas numerosos problemas para compreender as regras da representação escrita. Talvez não estejam resolvidos todos os problemas, como a escola o espera, porém o caminho já iniciou. Claro que é um caminho que difere porque os problemas e as formas de resolução são – como demonstramos – o fruto de um grande esforço cognitivo. (TEBEROSKY; FERREIRO, 1985, p 277)

A aluna C foi a primeira que relatou compreender que nas palavras “pega-pega” e “esconde-esconde” havia repetição:

*“Ah prô, é só copiar a primeira que faz a palavra toda”,* disse ela, após termos terminado de escrever PEGA, sob o meu questionamento sobre como escreveríamos a palavra inteira.

Quando terminamos o painel, os alunos ficaram tão orgulhosos por eles mesmos terem escrito, mesmo que seja através de montagem com as letras, o nome das atividades realizadas com a Verdinha, que me pediram para colocar o cartaz na rua. Quando a diretora passou no momento em que que estávamos pregando o cartaz no corredor, perguntou sobre o que se tratava. Os alunos falaram várias coisas, mas entre eles os alunos A, B e C ressaltaram:

Aluna C: *“Isso aí é o trabalho que a gente escreveu e desenhou pra mostrar do que a gente brincou com a Verinha na nossa casa e aqui na escola.”*

Aluno B: *“A gente foi pegando as letrinhas e montando as palavras que a gente desenhou ali na folha colada.”*

Aluna A: *“É, mas teve algumas que a gente não sabia, aí a prô teve que ajudar, mas a gente conseguiu tudo!”*

Sendo assim, podemos concluir pelas atitudes e falas das crianças, que a sapinha Verdinha conseguiu fazer com que a turma utilizasse da brincadeira para soltar a sua imaginação e mostrar que é possível demonstrar através do alfabeto móvel as suas hipóteses em relação à escrita, assim como a compreensão de que

escrever está diretamente ligado a uma função que, nesta atividade em específico, caracterizava-se em demonstrar aquilo que tinha sido expresso por desenho anteriormente (uso social da escrita).

As atividades lúdicas têm o poder sobre a criança de facilitar tanto o progresso de sua personalidade integral, como o progresso de cada uma de suas funções psicológicas, intelectuais e morais. Ao ingressar na escola, a criança sofre um considerável impacto físico-mental, pois, até então, sua vida era exclusivamente dedicada aos brinquedos e ao ambiente familiar. (BITTENCOURT, FERREIRA, 2002, p. 11)

De acordo com esse autor, não é fácil para a criança deixar a vida que se tinha antes, . Se esta adaptação à escola e à sua maneira de ensino não for satisfatória, há um grande problema que pode inclusive refletir em outros anos. O lúdico é o gancho que faz com que a escola torne-se ainda mais interessante para o aluno. Neste caso específico fica evidente que as práticas realizadas em sala de aula, que tinham por objetivo imergir os alunos em um mundo letrado através do lúdico, tiveram grande impacto em sua vida e em seu cotidiano. Mas principalmente em seu futuro, pois hoje já chegará no primeiro ano com predisposições e conhecimentos suficientes para que seu processo de alfabetização seja ainda mais relevante.

## **7. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Considerando as reflexões aqui apresentadas, vemos realmente, tanto na teoria, quanto na prática, que as ações ligadas à alfabetização e ao letramento desenvolvidas através do lúdico já na Educação Infantil, só têm a contribuir para uma educação de qualidade. Os problemas apresentados hoje no Ensino Fundamental e demais níveis de ensino podem sim ser amenizados se os professores de Educação Infantil comprometerem-se com uma prática diferenciada, visando a construção real do conhecimento, fazendo com que o aluno encontre-se como sujeito ativo na sociedade através do estudo da compreensão do uso social da leitura e da escrita em seu cotidiano.

Cecília Goulart nos coloca:

Os alunos são considerados alfabetizados pela escola, mas, no entanto, não modificam, ou modificam muito pouco, a sua condição de pertencimento à sociedade letrada. Essa incapacidade gera nos alunos sentimentos de incompetência e de impotência que reforçam a sua “desqualificação” social (MOYSES, 1985). Na perspectiva apontada, a noção de letramento tem se mostrado significativa. Partimos do princípio, como postula Soares (2003), que os processos de alfabetização e de letramento são distintos, mas interdependentes e indissociáveis. (GOULART, 2006, p. 3)

Podemos concluir então, que o lúdico usado como gancho para que as crianças conheçam melhor o seu mundo letrado desde pequenos é o principal artefato que a escola pode usar para que possa mudar um pouco a realidade que temos hoje. O conhecimento construído de forma efetiva e eficaz é o principal objetivo dessa instituição, e se os alunos continuarem chegando na escola e não encontrando respostas para seus principais anseios, a tendência é que a qualidade da educação piore cada vez mais. Como vimos, o planejamento organizado e refletido, bem como o desenvolvimento de atividades criativas, a partir de jogos e demais técnicas que envolvam o interesse dos educandos são essenciais para a melhora do ensino. A alfabetização é a base de tudo, e infelizmente o que encontramos hoje, muitas vezes, são professores despreparados para lidar com as novas demandas que os alunos trazem.

Segundo Delors:

Para poder dar resposta ao conjunto das suas missões, a educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: aprender a conhecer, isto é adquirir os instrumentos da compreensão; aprender a fazer, para poder agir sobre o meio envolvente; aprender a viver juntos, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente aprender a ser, via essencial que integra as três precedentes (DELORS. *apud* ANTUNES; HAUSCHILD, 2002, p. 7)

Destaco entre estes pilares a importância que a ação do professor tem para a sua solidificação. A criança não aprenderá de forma efetiva respeitando estes pilares caso o professor não proporcione a oportunidade de vivência diferenciada já na Educação Infantil, pois é neste nível de ensino que as crianças aprendem de forma mais clara como viver. A utilização do lúdico faz com que o conhecimento seja consolidado e demonstrado no cotidiano através de práticas já implícitas no comportamento de cada criança.

A conclusão deste trabalho dá-se com a esperança de que a Educação seja cada vez mais valorizada. Por mais que algumas vezes os governantes não reconheçam o grande valor que a nossa profissão tem, que façamos então uma revolução “silenciosa” em sala de aula, mostrando com nosso trabalho o quanto nossos alunos são importantes e o quanto nós somos importantes não só na formação do seu caráter desde pequenos. Também somos importantes para o mundo, na medida em que tentamos formar pessoas melhores para a nossa sociedade. Fazer com que os alunos sintam prazer em estar em sala de aula, vivenciando um aprendizado lúdico já na Educação Infantil na construção do conhecimento da escrita, certamente fará com que a nossa missão seja cada vez mais importante para a sociedade. Já que formar cidadãos críticos e capazes não apenas de decodificar caracteres e sim dar sentido àquilo que é lido, é uma das principais necessidades para a construção de um mundo melhor.

## 8. REFERÊNCIAS

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.

SANCHIS, Isabelle de Paiva; MAHFOUD, Miguel. **Interação e construção: o sujeito e o conhecimento no construtivismo de Piaget**. Ciências & Cognição, Minas Gerais, Vol 12: 165-177, dezembro 2007.

BITTENCOURT, Glaucimar Rodrigues; FERREIRA, Mariana Denise Moura. **A importância do lúdico na alfabetização**. Belém: Universidade de Unama, 2002. 36f. Trabalho de conclusão do Curso de Pedagogia, Universidade da Amazônia, Pará, 2002.

PAIVA, de Maria de Lima. **Alfabetização: A construção da leitura e da escrita**. Formosa: Faculdades Integradas IESGO, 2006. Trabalho de conclusão do Curso de Pedagogia, Universidades Integradas IESGO, Goiás, 2006.

FERRARI, Márcio. Emília Ferreiro. Revista Nova Escola. Artigo publicado em 01/07/2008. Disponível em:

<http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/emilia-ferreiro-306969.shtml>.  
Acessado em 01/12/2010.

GOULART, Cecília. Práticas de letramento na educação infantil: O trabalho pedagógico no contexto da cultura letrada. **Teias**, Rio de Janeiro, ano 7, nº 13-14, jan 2006.

ANTUNES, Denise Dalpiaz; HAUSCHILD, Jussara Bernardi. **O planejamento pedagógico na Educação Infantil**. Porto Alegre: PUCRS, 2002.

COSTA, Patrícia Claudia da; **Níveis de construção da escrita**: Como identificar e intervir. Paraná. Disponível em:  
<<http://www.paranaalfabetizado.pr.gov.br/arquivos/File/Textos/texto%202.pdf>>  
Acessado em: 07 nov. 2010

COSTA, Michele Cristine da Cruz. **A pedagogia de Célestin Freinet e a vida cotidiana como central na prática pedagógica**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.23, p. 26 –31, set. 2006

SOARES, Magda Becker. **Letramento, um tema em três gêneros**: o que é letramento e alfabetização. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 1998.

RAMANINI, Rosane. **O lúdico nos espaços e tempos da infância**: Escola e Cidade: Articulações Educadoras, São Leopoldo: UNISINOS, 2006. 111f. Programa de Pós-Graduação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2006.

SÁ, Neusa Maria Carlan. **O Conceito de lúdico**. Disponível em:  
<[http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo3/ludicidade/neusa/conc\\_de\\_ludico.htm](http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo3/ludicidade/neusa/conc_de_ludico.htm)>. Acessado em 30 out. 2010

SÁ, Neusa Maria Carlan. **O Conceito de jogo**. Disponível em:  
<[http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo3/ludicidade/neusa/conc\\_de\\_jogo.html](http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo3/ludicidade/neusa/conc_de_jogo.html)>. Acessado em 30 out. 2010.

SANTOS, Elder Cerqueira. **Um estudo sobre a brincadeira entre crianças em situação de rua**. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Dissertação de Mestrado - PPG em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.